

A CAC planeja crescer apesar das incertezas

por Christiane Bueno Malta
de São Paulo

A Cooperativa Agrícola de Cotia — Cooperativa Central (CAC — CC), que acaba de completar 60 anos e é hoje uma líder na agropecuária, planeja para o próximo ano investir 3% do seu faturamento total de CZ\$ 90 bilhões. Serão cerca de CZ\$ 3 bilhões utilizados para a construção de silos, armazéns, unidades beneficiadoras, unidades de insu- mos, pesquisas e até uma nova fábrica de óleo nas proximidades de Brasília.

Segundo o gerente de planejamento geral da assessoria da presidência da CAC, Mário Hayashi, a meta em 1988 será crescer 6,5%. Ele acha que o atual quadro econômico e político do País, indefinido, tolhe muito o programa de crescimento de qualquer empresa. Porém, a CAC tem um grande trunfo: nenhum dos produtos de seus associados representa mais do que 10% do faturamento da cooperativa, que comercializa mais de duzentos pro- dutos. Com isso, a política de não dependência de um produto, consolidada logo após o crack da Bolsa de Nova York, em 1929, vem sendo uma arma eficaz na luta contra os fracassos que podem advir com a instabilidade política e econô- mica, salientou Hayashi.

"DEPENDEMOS DA CONSTITUINTE"

Para o diretor financeiro e de relações externas da CAC, Américo Utumi, no entanto, é necessário cautela, pois o planejamento de uma empresa tem de estar de acordo com o comportamento da economia nacional. Com o atual quadro, torna-se difícil uma visão clara para traçar um bom planejamento. "Qual será o sistema de governo? O que será aprovado na



Américo Utumi

Constituinte?", indaga Utumi. "Estamos dependendo da Constituinte", prossegue, "talvez até a própria estrutura da em- presa tenha de ser mudada mediante os rumos da eco- nomia. Há um processo de espera por todo o empresariado", afirma. Ele ainda lembra que, se houver elei- ções no ano que vem, a eco- nomia será conturbada, pois "em um ano eleitoral a recessão é encoberta".

Uma das soluções enu- meradas por Utumi para sanear melhor a economia seria obviamente resolver o problema do déficit públi- co. O livre comércio tam- bém é um ponto defendido, assim como a privatização da armazenagem.

A CAC hoje atua em todo o Brasil investindo prin- cipalmente em armazenage- gem, pois sabe da grande responsabilidade que tem em relação ao abasteci- mento. Conforme a produ- ção cresce, com um volu- me global avaliado em 2 milhões de toneladas, silos e armazéns são prioridades no programa de investi- mentos da CAC. Há investi- mentos em tecnologia e na educação também, prin- cipalmente porque 70% dos 15 mil associados são pe-

quenos e médios produ- res e por isso necessitam desse 'ipo de assessoria, in- formou Hayashi.

Com a previsão de au- mento na produção de ce- reais na região de Barre- iras (BA), onde a CAC já es- ta presente há três anos, está programada a cons- trução, nos próximos dois anos, de mais dois silos de 30 mil toneladas estáticas, estimados em cerca de US\$ 15 milhões. Uma fábrica de óleo também está em estu- do para atender à produção de Barreiras. A constru- ção da fábrica, que tem um prazo de um ano para seu término, foi avaliada em US\$ 14 milhões.

EXCEDENTES PARA AS EXPORTAÇÕES

Há ainda um projeto pa- ra 1988 de uma indústria de fiácia em Açaí (PR), no valor de US\$ 33 milhões.

No início do ano que vem o desenvolvimento de um sistema integrado de avi- cultura já se terá iniciado, incluindo produção de aves, fábrica de ração e ar- mazenagem padronizada de ovos. Este projeto foi avaliado em US\$ 4 milhões, disse Hayashi.

Quanto às exportações, o diretor de relações exter- nas, Minoru Takano, acha que a exemplo deste ano, quando houve um melhor equilíbrio entre a oferta e a procura, o excedente possi- bilitou a exportação de US\$ 40 milhões em 1988 a expor- tação devirá ter um incre- mento de 20% dentro da perspectiva das produções de café, milho e soja. Taka- no prevê mais de US\$ 50 milhões em exportações em decorrência também do baixo poder aquisitivo do povo, que não deverá apre- sentar grandes recupera- ções em 1988, o que, conse- quentemente, gera exce- dentes no mercado interno que são redistribuídos via exportação.